



TCC I – Trabalho de Conclusão de Curso I

Universidade Federal de Santa Maria
Centro de Educação Superior Norte – RS
Departamento de Ciências da Comunicação
Curso de Comunicação Social – Jornalismo
25 de junho a 6 de julho de 2012

ANÁLISE DO JORNALISMO DE ROCK PRATICADO NOS VÍDEOS DO SITE LOKAOS ROCK SHOW

JOSEFINA MARIA TONIOLO

Artigo científico apresentado ao Curso de Comunicação Social – Jornalismo como requisito para aprovação na Disciplina de TCC I, sob orientação do Prof. Luis Fernando Rabello Borges e avaliação dos seguintes docentes:

Prof. Me. Luis Fernando Rabello Borges
Universidade Federal de Santa Maria
Orientador

Prof. Dr. Gonzalo Prudkin
Universidade Federal de Santa Maria

Prof. Me. Marcelo Freire Pereira de Souza
Universidade Federal de Santa Maria

Prof. Me. Caroline Casali
Universidade Federal de Santa Maria
(suplente)

Frederico Westphalen, outubro de 2012.

Análise do jornalismo de rock praticado nos vídeos do site Lokaos Rock Show

RESUMO

Tendo como objeto de estudo o site paulista Lokaos Rock Show, que iniciou suas atividades em julho de 2011, este trabalho busca analisar seu conteúdo, dando ênfase à sessão Tv Lokaos, na qual se concentra a produção original da equipe. Para tanto, todas as publicações até o dia de início desse trabalho, em março de 2012, foram consideradas. Na análise, foram apontados, exemplificados e complementados através de entrevista alguns dos principais aspectos que caracterizam o produto do site. Tudo isso baseado em estudos sobre webjornalismo, jornalismo cultural e principalmente jornalismo de rock.

PALAVRAS-CHAVE: webjornalismo; jornalismo cultural; jornalismo de rock; Lokaos Rock Show.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

“I was young and restless then, living on the edge of a dream. When someone said ‘C'mon, boy, you just gotta believe!’. So raise your hands to rock, rock!” Esse trecho da música *Raise Your Hands To Rock*, da banda estadunidense, *Mötley Crüe*, ilustra o espírito do trabalho realizado pelos integrantes do site Lokaos Rock Show, os quais se declaram “defensores do autêntico e divino espírito do rock”.

Os mitos e conceitos, criados ao longo dos anos, sobre os amantes do rock, que giram em torno de drogas, promiscuidade e delinquência, aumentam o descontentamento desse seleto grupo perante os meios de comunicação de massa. Esse estereótipo preconceituoso muitas vezes afasta o estilo musical das pautas dos grandes noticiários, a não ser quando se trata de algo que fortaleça esse julgamento.

Havia a necessidade de mais espaço para divulgação e discussão de temas relacionados ao vasto mundo do rock'n'roll. A internet, com sua característica democrática e de fácil acesso, era, então, o meio perfeito para essa “revolução”. Em abril de 2011, três amigos, Edu Rox, Dani Buarque e Bento Mello (filho de Branco Mello, um dos vocalistas dos Titãs), de São Paulo resolveram encarar esse desafio e criaram o Lokaos Rock Show, um site especializado em notícias sobre rock e cobertura dos shows na região da capital paulista.

Edu Rox explicou, em entrevista, de onde surgiu essa motivação: “Eu e o Bento crescemos viciados em rock, em toda a história que envolve uma banda e seus integrantes,

então a pauta nada mais é do que todas as coisas que sempre quisemos saber e agora estamos tendo a oportunidade de perguntar. Quando conversamos com platéia é no improviso mesmo, sempre com uma pitada de humor por que queremos fugir daquele clichê metal malvado.”

Apesar de se referir a rock em um sentido mais amplo, o conteúdo do site na verdade se concentra predominantemente nas vertentes do Hard Rock e do Heavy Metal. Das inúmeras categorias do Heavy Metal, como Nu Metal, Black Metal, Power Metal, Death Metal, Metal Progressivo, entre outras, que incluem até classificações tão específicas que chegam a ser engraçadas como New Wave of British Heavy Metal ou Symphonic Black Metal, percebe-se uma atenção maior ao Thrash Metal, do qual fazem parte bandas como Metallica, Anthrax, Megadeth e Slayer¹.

Além do Thrash Metal, há uma grande apreciação pelo Glam Metal (ou Glam Rock), Hair Metal ou ainda Rock Farofa, como ficou pejorativamente conhecido no Brasil. Esse estilo fez muito sucesso nos anos 80 com bandas como Kiss, Mötley Crüe, Twisted Sister e Alice Cooper. A banda Guns n’ Roses e seu polêmico vocalista Axl Rose também são assuntos recorrentes nas páginas do site.

Apesar de recente, o Lokaos Rock Show já garantiu seu espaço, seguidores e respeito dos profissionais do meio. O site é dividido em duas seções: texto e vídeo. Na parte textual, há poucas notícias próprias e muita reprodução de outros sites brasileiros e traduções de sites e revistas internacionais sobre o assunto, além de fotos polêmicas e artigos de opinião. Já a seção “Tv Lokaos” traz vídeos, de autoria própria, de entrevistas com artistas nacionais e internacionais, e cobertura de shows e eventos. A linguagem usada é alternativa a do jornalismo tradicional, mais leve, com gírias e termos do mundo da música.

Esse trabalho analisará os conteúdos produzidos pela equipe do site, focando, principalmente nos vídeos, pois é neles que o trabalho próprio do site está concentrado. Para tanto, foi feita uma análise do conteúdo desses vídeos, apresentando suas características principais, cada uma descrita e exemplificada. Complementando essa análise, foi feita uma entrevista via Facebook com um dos integrantes, Edu Rox, para esclarecimento de possíveis dúvidas e melhor entendimento da fase de produção. O objetivo é entender quais são as especificidades e o tratamento da informação por parte desse tipo de produto. Tudo isso à luz de teorias de webjornalismo, jornalismo cultural e musical e, principalmente, jornalismo de rock.

1 Informações obtidas no site Map of Metal: <http://www.mapofmetal.com/>.

1 WEBJORNALISMO

É sabido que as profissões e empreendimentos precisam adequar-se aos novos tempos e aos novos artifícios que evoluem e são aprimorados diariamente. Com as empresas de comunicação – falando aqui especificamente das jornalísticas – não haveria de ser diferente. Anabela Gradim afirma que o impacto causado pela tecnologia não é novidade para o jornalismo e que “as profissões jornalísticas, ligadas à produção de conteúdo noticioso difundido por meios de comunicação de massas, sempre estiveram sujeitas a velozes mutações tecnológicas” (2007, p.88).

Como as mudanças são rápidas, o jornalista precisa estar preparado para se adaptar às novas condições de trabalho na mesma velocidade. Quando se trata de internet e webjornalismo, essa adaptação envolve conhecimento em outras áreas e domínio de técnicas que antigamente não diziam respeito à profissão. Hoje, não basta estar especializado em um ramo, o profissional deve saber trabalhar bem com todas as tecnologias disponíveis.

O repórter passa a ser um produtor de conteúdos que apresenta a informação completa, retratada em variados níveis midiáticos. Algumas previsões já mostram que, no futuro próximo, o jornalista terá que ser cada vez mais multimídia, dominando as mais variadas formas de se produzir conteúdo que sigam as novas “regras” impostas pelas redes telemáticas. (MATTOSO, [s.d.], p.18)

Assim, uma nova forma de se produzir informação surgiu, e conseguir usar todos os recursos disponíveis para a criação de um conteúdo noticioso de qualidade é o maior desafio para os jornalistas dessa era. Ainda para Guilherme de Queirós Mattoso, essas mudanças transformaram o webjornalismo em “um imenso caleidoscópio de possibilidades: a convergência de áudio, vídeo e texto, a não linearidade do hipertexto, a interatividade da multimídia e a velocidade de giro” ([s.d.], p.20).

1.1 Recursos e características das publicações online

Para entender a lógica do webjornalismo, primeiro é necessário compreender as possibilidades que a internet trouxe para esse tipo de trabalho e como seus recursos foram utilizados no *fazer jornalismo*.

Existem vários estudos sobre o tema, mas se fará uso das definições criadas por João Messias Canavilhas (2001), que elencou cinco características principais dos recursos da internet e suas funções no webjornalismo, assinalando a integração de elementos multimídia no jornalismo. São elas:

- **Interatividade:** no webjornal, o feedback pode ser imediato, com espaço para comentários, por exemplo. A notícia deve ser entendida como o começo de algo e não ter um fim em si própria, deve funcionar como um instigador de discussão entre os leitores, pois isso introduz diferentes pontos de vista, enriquecendo o trabalho inicial e aumentando a visibilidade do site.
- **Hipertexto:** o usuário prefere navegar por um texto separado em blocos do que seguir obrigatoriamente a leitura de um texto compacto que siga as regras da pirâmide invertida, usada no jornalismo impresso. No webjornalismo faz mais sentido utilizar pequenos textos hiperligados entre si, um primeiro texto que introduza o essencial da notícia, que será complementada em outros blocos de informação disponíveis por hiperligação.
- **Leitura não-linear:** a integração de elementos multimídia nas notícias acarreta uma leitura não-linear, pois cada elemento requer uma percepção diferente. Esse tipo de estrutura exige maior atenção do usuário.
- **Som:** o uso de diferentes sons no produto webjornalístico aumenta a credibilidade e a objetividade, uma vez que o jornalista pode disponibilizar o áudio da sua entrevista, por exemplo.
- **Vídeo:** assim como o som, a imagem coletada no local do acontecimento confere mais veracidade e objetividade à webnotícia. No entanto, o papel desempenhado por esse vídeo é bem diferente do desempenhado no jornal televisivo. Na televisão, o texto (voz-off) deve ser totalmente pleonástico com a imagem, texto e imagem são uma coisa só, perdendo o significado quando separados. Já no webjornal, o vídeo é um legitimador da informação presente no texto.

1.2 Conteúdo especializado e direcionado

Uma das grandes vantagens que esse novo tipo de jornalismo trouxe é a facilidade de criar conteúdos e compartilhá-los com pessoas com interesse em comum, criando grupos que buscam informações sobre o tema e se tornam assíduos desses meios.

Una de las cuestiones más importantes que hay que tener en cuenta para llegar a describir las características, las categorías y las capacidades de la narrativa digital es la fragmentación de la audiencia que se produce en Internet. Hasta ahora los medios se dirigían a grandes grupos de personas más o menos indefinidos: eran los medios de comunicación de masas y su discurso tenía una apariencia casi monolítica (EDO, 2007, p.7).

Ainda segundo Concha Edo (2007), esses espaços personalizados e especializados direcionados a pequenos grupos serão cada vez mais difundidos, distanciando o webjornalismo ainda mais dos outros meios de comunicação de massa. Edo continua tratando desse fenômeno, alegando que a forma de se pensar a escrita na internet mudou: “No se puede ya escribir sólo desde la perspectiva del emisor, del periodista: hay que contar más con el receptor y facilitar su participación” (2007, p.8). Isso reafirma que a sustentação de sites especializados, geralmente em temas bem particulares, se dá pela assiduidade e interatividade dos usuários.

Essa interatividade está presente no site, apesar de na parte analisada com mais ênfase (a TV Lokaos) isso não estar ilustrado. Percebe-se na divulgação, na escolha das pautas e até das perguntas realizadas nas entrevistas a participação dos usuários do blog. Inúmeras vezes, os criadores do site pedem, por meio das redes sociais, idéias sobre os assuntos que deveriam ser abordados com os músicos e recebem várias dicas e curiosidades dos fãs mais apaixonados.

João Simão destaca outra característica importante derivada da facilidade de criação de conteúdos: “mais leitura e um espírito mais crítico em lugar da passividade que a falta de uma relação dialógica provocava” (2006, p.161).

Ambos os aspectos mostram que as pessoas – talvez ainda não tanto quanto se poderia – procuram usar a internet de forma produtiva, pesquisando informações para compartilhar e participando ativamente de discussões em busca de conhecimento e crescimento pessoal.

2 JORNALISMO CULTURAL

Um músico, um pintor, um escritor, dependem não só do seu próprio fazer, mas também da imagem que conseguem articular frente ao público. O jornalismo

cultural, mesmo o mais independente, é o virtual complemento do mercado artístico, é algo que está fora e dentro da cultura (SUZUKI Jr., 1986, p.79).

Essa visão de Suzuki Jr. retrata o que o jornalismo cultural aspira ser, a essência do que se vê na mídia nesse ramo, mas não exatamente a realidade.

Frias (2001) vai mais além e classifica como pauta de jornalismo cultural tudo o que se refere “à arte, ao pensamento, à reflexão e às formas como cada um e cada grupo se relaciona com o mundo a partir de seus valores de tradição e de ancestralidade.”

Mas não é bem isso que acontece nas redações, nas quais o espaço cultural está na maioria das vezes voltado para temas mais populares como celebridades e músicas nacionais e internacionais de maior sucesso na semana. É o que ressalta Piza, quando diz que “os assuntos preferidos, por extensão, são o cinema americano, a TV brasileira e a música pop que dominam as tabelas de consumo cultural”(2003, p.53).

O que é feito hoje no Brasil está estreitamente ligado ao calendário de eventos e ao que está no gosto da grande massa, pois a maior preocupação é o retorno financeiro gerado pela audiência.

Há na grande imprensa um forte domínio de assuntos como celebridades e um rebaixamento geral dos critérios de avaliação dos produtos. O jornalista cultural anda se sentindo pequeno demais diante do gigantismo dos empreendimentos e dos “fenômenos” de audiência. As publicações se concentram mais e mais em repercutir o provável sucesso de massa de um lançamento e deixaram para o canto as tentativas de resistência (PIZA, 2003, p. 31).

O editor do *Caderno 2* do jornal *O Estado de São Paulo*, Evaldo Mocarzel (2001), explica esse fenômeno ressaltando que “a produção cultural foi intensificada de tal maneira nas últimas décadas que apenas o leque de opções da agenda cultural já é mais que suficiente para preencher as cada vez mais escassas páginas dos cadernos de cultura.”

Essa criação massiva de produtos gerou uma facilidade de encontrar temas, que, adicionada a cobertura de um calendário de eventos, exige menos esmero do jornalista que deixa de procurar novidades para apenas seguir o roteiro *entregue* a ele. Essa cadeia de fatos leva Vargas (2004) a questionar a qualidade desse tipo de produção:

(...) como é possível avaliarmos a produção jornalística da área cultural, levando em conta sua característica de produto do sistema capitalista e a manutenção de determinado nível de qualidade que, obviamente, não encontramos nas mercadorias, muito estandardizadas e voltadas à mera finalidade hedonista do consumo. Em

outras palavras, como manter certo grau de profundidade e reflexão em um produto que teima em ser superficial, por conta das relações de determinação mútua travadas com seu entorno cultural e técnico? (VARGAS, 2004).

Teixeira Coelho (2007) define a falta de diversidade de assuntos – que sempre tratam dos mesmos artistas, de forma superficial, com o uso excessivo de adjetivos e poucos argumentos e do tratamento das artes apenas a nível estético, sendo que ela tem função social, político e econômica – como hábito cultural. Para o autor, não existe nada pior que essa postura, e para mudá-la “é preciso ver uma questão sempre pelo outro lado, pelo lado que não está sendo visto, pelo lado oposto ao do hábito cultural” (p.25 *apud* GAIARA, 2008, p.24)

No final das contas, o que realmente vale é a criatividade e a capacidade inventiva do jornalista que tem o poder de transformar um texto clichê em algo melhor escrito, com informações bem apuradas e fatos que fujam ao lugar comum. Sobre isso, Szantó (2007) conclui:

Apenas uma distinção deveria ser relevante sobre o jornalismo cultural: é inteligente? Pode-se escrever sobre ópera e ser estúpido. Pode-se escrever sobre hip hop e ser brilhante. O jornalismo deve considerar seus assuntos com extrema seriedade e comunicar essa importância numa linguagem que seja atraente aos leitores (SZANTÓ, 2007, p.43).

2.1 Jornalismo musical

O jornalismo musical é um ramo importante do jornalismo cultural, nesse gênero há grande destaque para a crítica. Segundo Rafael Schoenherr (2005), esse estilo de matéria não determina sozinho quem são os bons e os medíocres, ele dialoga com a sociedade para avaliar a produção de uma época. Para o autor, a crítica é um produto social.

A sociedade não é refém de seu sistema mediático e a crítica pode bem representar essa articulação. Há uma interação social em torno da música (de seus produtos e demais manifestações, acima de tudo) através da crítica musical. [...] Se é bastante razoável dizer que todo mundo gosta de música e que muito em função disso ela é um assunto polêmico (que suscita paixões, posicionamento, rivalidades), seria estranho, no mínimo, que com os media (no espaço da crítica musical) fosse diferente (SCHOENHERR, 2005, p.37).

Pela polêmica natural que a crítica promove e pelas discussões motivadas por ela, pode-se dizer que se trata de uma interação social, uma vez que liga produtores fonográficos,

mídia e usuários. Braga e Calazans afirmam que essa situação se trata de uma interação midiática, “uma produção objetivada e durável, que viabiliza uma comunicação diferida no tempo e no espaço, e permite a ampliação numérica e a diversificação dos interlocutores” (2001, p.27).

O espaço destinado para esse tipo de trabalho, até pouco tempo atrás, era conhecido como “imprensa musical” que, de acordo com Shuker (1999), são “revistas que cobrem amplamente a área musical; jornais dedicados aos negócios relacionados a atividade musical; publicações semanais ou mensais voltadas para a música popular ou gêneros específicos”. Hoje, com a democratização cada vez maior da internet, os blogs, portais e até páginas em redes sociais que tratam de música podem entrar para a lista dos veículos da imprensa musical.

Sobre isso, Piza constata que a necessidade de jornalistas culturais – e musicais – aumentou, pois com “o bombardeio de dados e informações da era eletrônica criou uma carência ainda maior de análises e comentários, que suplementem argumentos, perspectivas e contextos para o cidadão desenvolver senso crítico e conectar disciplinas” (2004, p. 31).

Ainda sobre a obrigação do jornalista de desenvolver o senso crítico nos cidadãos, Cunha (2002) ressalta que o texto deve ter – além da opinião – papel utilitário e que, ao invés de apresentar e julgar a obra, o crítico deve explorar os “múltiplos sentidos e diversas possibilidades de leitura que toda obra de arte proporciona”.

Ver além da parte estética, entender a questão social e a mensagem que se transmite é o novo desafio do jornalista musical, pois agora, conforme Piza (2003), o que se deve analisar não são as obras de arte e seus padrões estéticos refinados, e sim os novos produtos da indústria cultural, criados e destinados ao consumo.

Sobre essa outra forma (mais sensível) de ver a arte, nesse caso a música, Frith conclui:

A música pode, de fato, ser usada (ou articulada) em termos funcionais, mas isso não conta para as maneiras inegáveis que ela nos comove, não explica as formas em que ouvir música é, de fato, sair de si mesmo (e de uma sociedade). Em segundo lugar, o argumento sobre gosto pode minar as eternas categorias da alta cultura, mas preserva diferenças culturais altas/baixas: a implicância é que a audiência popular não está preocupada com avaliação estética, com distinção individual. Isso não tem sentido – toda vida cultural envolve a atividade constante de julgar e diferenciar – mas, também, é perder o ponto que a peculiaridade da experiência musical – em especial como forma de sociabilidade – formam necessariamente um material estético (FRITH, 1996, p. 251).

2.2 Jornalismo de rock

O rock é mais que um estilo musical, considerado por muitos – que o cultuam e veneram – um estilo de vida, uma lei a ser seguida.

O “dispositivo rock and roll” inclui não somente práticas e textos musicais, mas também determinações econômicas, possibilidades tecnológicas, imagens (de músicos e de fãs), relações sociais, convenções estéticas, estilo de linguagem, movimento, aparência e dança, comprometimentos ideológicos e representações midiáticas do próprio dispositivo. O dispositivo descreve “cartografia de gostos” que são sincrônicas e diacrônicas ao mesmo tempo e englobam os registros musicais e não-musicais do cotidiano (GROSSBERG, 1997, p.41).

Para escrever sobre esse estilo, é preciso entender esses fatores que estão ligados a ele e adaptar sua linguagem para esse novo público. O jornalismo de rock se diferencia das especialidades comuns na profissão, e isso por fazer – ou achar que se faz – parte de um mundo quase “paralelo” ao da grande massa. Seguidamente, quem escreve também é fã, o que dá um toque distinto aos textos sobre o assunto.

A despeito de outros segmentos da mídia contarem com profissionais formados em jornalismo ou editoração, a imprensa especializada em rock, no Brasil e em outros países, na maioria, é conduzida por fãs de rock. (...) Por um lado, a imparcialidade jornalística era desconsiderada. Por outro, colaboradores estranhos à profissão, mas motivados pela paixão catalisaram a ideologia, a genuína percepção do senso compartilhado com fãs de rock. Essas pessoas expressavam as idéias, o entendimento e a identidade dos grupos aglutinados em torno do gênero musical enfocado pelas publicações (BRANDINI, 2004, p.117).

Escrever sobre rock, não raro, é diferente de escrever sobre outros temas específicos. O público desse estilo costuma já possuir sua opinião definida sobre os fatos relacionados ao gênero. Para se dirigir a esse grupo exigente e desconfiado, o jornalista se vê na necessidade de criar um vínculo com o público e conquistar a sua confiança.

Como os DJs, escritores de rock têm que estabelecer suas credibilidades para seus leitores; suas críticas revelam seus padrões, suas individualidades; e escritores de rock (ao contrário de seus predecessores do pop) reivindicam uma postura crítica, mais do que elogios exagerados, como a essência dos seus trabalhos: a distância dos produtores é uma parte das suas autodefinições. O que tal crítica realmente significa, no entanto, permanece confuso, já que ao mesmo tempo os escritores buscam fornecer um guia do consumidor, comentar em uma cultura e explorar gostos pessoais (FRITH, 1981, p.174).

Das três funções elencadas por Frith, a última delas – explorar gostos pessoais – é a mais arriscada para os que escrevem sobre rock e não procuram desafetos. Os fãs do estilo são ferrenhos e capazes de encarar densas discussões quando não concordam com o que é dito sobre determinada banda ou artista. Como diz Brandini, “o rock sempre foi um amálgama que uniu os jovens em torno do discurso da música, (...) permitindo o auto-reconhecimento de

seus membros” (2007, p.13), que, pode-se acrescentar, estão cada vez mais unidos em prol da *causa rock'n'roll*, talvez por considerarem-se um grupo pequeno ou simplesmente por amor à camiseta.

3 METODOLOGIA

Esse trabalho é uma análise da produção do site Lokaos Rock Show, baseada nos estudos indicados na fundamentação teórica sobre internet, música e jornalismo online. Laurence Bardin utiliza uma analogia para descrever o trabalho de análise de conteúdo. “O analista é um arqueólogo. Trabalha com vestígios: os ‘documentos’ que pode descobrir ou suscitar. Mas os vestígios são a manifestação de estados, de dados e de fenômenos. Há qualquer coisa para descobrir por e graças a eles” (1977, p. 39).

Após um mapeamento realizado nos meses de outubro e novembro de 2011, decidiu-se por analisar somente os vídeos produzidos pela equipe, porque ficou constatado que neles estava o trabalho realmente feito pela equipe, uma vez que nas matérias escritas, grande parte é reprodução de outros sites.

Como apenas parte do conteúdo do site foi escolhida, foi feita a opção por estudar todos os vídeos publicados desde o começo do site, 20 de abril de 2011, até março de 2012, quando esse trabalho foi iniciado. Isso configurou um total de 35 postagens, das quais 21 são entrevistas, 9 são coberturas de eventos e 5 estão na categoria “Lokaos Independente”.

Para facilitar a pesquisa, que envolveu assistir inúmeras vezes todos os vídeos, foi feito download do material. A busca foi por características principais, que diferenciariam o que é feito no Lokaos do que é feito em outros meios de comunicação que tratam de música. Após muita observação, foram encontrados 11 pontos marcantes que envolviam desde produção até edição das matérias. Cada ponto foi descrito e exemplificado, e alguns deles serviram de base para perguntas dirigidas a um dos membros do site, Edu Rox, cujas respostas contribuíram para a compreensão dos porquês daquilo que foi constatado na análise dos vídeos.

O tipo de entrevista utilizado foi a “entrevista em profundidade” que segundo Duarte (s/a, p. 1) “ é um recurso metodológico que busca, com base em teorias e pressupostos definidos pelo investigador, recolher respostas a partir da experiência subjetiva de uma fonte, selecionada por deter informações que se deseja conhecer.”

4 ANÁLISE

No mapeamento inicial, algumas características foram percebidas, dentre elas que 60% das matérias são internacionais e a grande maioria trata do estilo heavy metal. Edu Rox explica que isso não acontece por acaso:

“O heavy metal é uma das ramificações do rock mais populares, inclusive aqui no Brasil, isso faz com que o volume de shows desse estilo seja bem grande, então creio que isso seja como uma 'coincidência forçada'. Mas sim, o heavy metal e o hard rock dos anos 80 são os estilos preferidos do Lokaos, damos certa atenção especial para músicos desses estilos, mas sempre nos interessa também o rock clássico e o punk”.

4.1 Da abordagem

A proposta da equipe do Lokaos Rock Show é fazer um jornalismo de rock especializado diferente do que é apresentado nos meios convencionais. Para Edu Rox, um dos fundadores do site, a idéia parece tão alternativa que, às vezes, faz pensar se realmente se enquadraria em “jornalística” e justifica que é exatamente esse o objetivo que a equipe busca atingir:

“Quem disse que só os músicos podem ter uma postura mais livre? Quem disse que só os músicos podem ter atitude? Nós fazemos jornalismo sobre rock n' roll, mas queremos, SIM, fugir de qualquer padrão. Quem disse que o jornalista tem que ser o lado certinho? Quem disse que o jornalista tem que ter regras? Aliás, eu nem gosto desse termo "jornalismo", nem sei se somos isso na verdade, o que eu sei é que nós somos o Lokaos e nós falamos de Rock n' Roll. É totalmente natural, é assim que somos, é assim que gostamos, é assim que funcionamos”.

O diferencial do Lokaos, além do veículo que é a internet, o que já cria um aspecto mais alternativo para o trabalho, é o estilo musical que eles abordam e o conhecimento visível sobre o tema, muito bem explorado em entrevistas com os músicos. O grupo se mostra extremamente informado sobre as bandas que entrevista, pois as perguntas são bem específicas sobre a carreira e projetos dos entrevistados.

Essa característica pode ser ilustrada pela entrevista, publicada no dia 13 de março de 2012, com James Lomenzo, atualmente baixista da banda HAIL!. O vídeo foi gravado após o show, no bar Blackmore em São Paulo, no dia 04 do mesmo mês.

A entrevista começa com as tradicionais perguntas pós-show, como “O que você achou do show e do público?” para introduzir a matéria. Como James Lomenzo se mostrou bem à vontade, a repórter Dani Buarque dá início às perguntas mais específicas. Fala da sua primeira banda, White Lion, e da onda “hair metal” dos anos 80, além do fato do vocalista Mike Tramp ter voltado com a banda sem os outros membros originais. Ainda falaram sobre o Pride and Glory, projeto criado com Zakk Wylde nos anos 90, e dos motivos da banda não ter lançado mais de um disco. De Lomenzo ter excursionado com Slash, ex-Guns n’ Roses, no projeto Slash’s Snakepit, apesar de não ter participado das gravações. Conversaram sobre o trabalho com David Lee Roth e a admiração que ele possui pelo músico. Voltando ao “tema” Zakk Wylde, agora falam sobre Black Label Society e como aconteceu a formação da banda. Sua entrada no Megadeth, para substituir o antigo baixista que estava ao lado de Dave Mustaine desde o início, e a pressão que ele sentiu na época, foi outra pauta da entrevista. Para terminar de forma mais leve, Dani Buarque perguntou sobre seus projetos atuais, entre eles uma produtora de vídeo, o que deu espaço para James Lomenzo brincar com a equipe do Lokaos.

James Lomenzo, ao perceber que estava sendo entrevistado por quem entende do assunto, dava respostas completas, falando inclusive de temas que não foram perguntados. Um exemplo acontece no começo da entrevista, quando a repórter pergunta sobre sua primeira banda: ele comenta de anteriormente já ter tocado com Bobby Rodinelli, baterista do Rainbow e Ritchie Blackmore, fazendo alusão ao nome do bar.

O entrevistado, várias vezes, se mostra impressionado com as perguntas, chegando até a dizer em brincadeira que nem ele se lembrava do assunto. “Você é louca. Ela sabe de tudo. Às vezes, até eu esqueço”, foram as palavras usadas quando perguntado sobre o trabalho com David Lee Roth.

A entrevista como um todo, apesar da especificidade, consegue ser leve e acessível mesmo para quem não conhecia o músico. Essa é outra característica que será tratada no decorrer do trabalho.

4.2 Das perguntas

Outro ponto interessante sobre o trabalho do Lokaos são as perguntas astutas criadas pela equipe para tocar em assuntos delicados, que geralmente são evitados em entrevistas convencionais. A sutileza com que os temas são abordados acaba por desarmar o entrevistado e impedir qualquer reação negativa.

Um exemplo disso é a entrevista, publicada no dia 18 de agosto de 2011, feita com a banda Tuff, após o show realizado no Inferno Club em São Paulo, dia 13 do mesmo mês. Dani Buarque conversou com o baixista Todd Chaisson e o vocalista Stevie Rachelle, que possui uma conhecida rixa com Sebastian Bach, ex-vocalista do Skid Row.

Grande parte das trocas de ofensas entre Bach e Rachelle se dá pelos conteúdos postados no site do vocalista do Tuff, o Metal Sludge. Sabendo disso, a repórter primeiro perguntou sobre a ideia e o trabalho do site, para depois surgir com a seguinte questão: “Vamos dizer que você está em um bar em Nova York e o balcão tem cinco banquetas vazias e você simplesmente senta e pede uma bebida, e de repente lhe cutucam no ombro e é Sebastian Bach. E ele diz: ‘Mano, essa é minha banqueta favorita, sai fora!’ O que você diria?”

A resposta, como o esperado, foi carregada de elogios irônicos e provocações, do tipo: “eu sou fã dele”, “acho que ele é um grande vocalista” e “ele é meio que um bebezão”, mas o desconforto de falar no assunto ficou amenizado pela brincadeira infame feita na pergunta. Edu Rox acredita que a salvação da equipe contra respostas mal-educadas é a simpatia e o carisma da repórter Dani Buarque:

“Os caras ficam meio sem graça de serem grossos ou, por outro lado, eles podem até achar divertido a coragem de tocar em um assunto mais delicado, é clichê, parece vó falando, mas é real: ‘quem não arrisca não petisca’”.

4.3 Da escolha da repórter e do jogo de cintura

A repórter Dani Buarque fala inglês fluentemente, o que faz com que ela seja escolhida para fazer a maioria das entrevistas. Seu carisma e beleza também são uma estratégia usada pela equipe para obter mais informações dos entrevistados:

“Uma loira com postura, bem vestida e simpática deixa o cara muito mais solto e animado do que dois cabeludos bêbados, pode ter certeza”, diz Edu Rox.

Trabalhar com o público envolve jogo de cintura e a necessidade de adaptação ao clima da entrevista e dos entrevistados. Dani Buarque, nos vídeos do Lokaos, se mostra competente em relação a esse assunto, conseguindo contornar situações desagradáveis.

Como o clima das entrevistas envolve bebidas e backstage, às vezes, as atitudes dos músicos fazem com que se torne complicado dar continuidade às perguntas.

O encontro da repórter com o baterista do Motörhead, Mikkey Dee, no dia 15 de abril de 2011, no Manifesto Bar em São Paulo é um exemplo desse tipo de conduta. A matéria, que foi publicada no dia 20 do mesmo mês, traz a repórter tendo que se afastar do músico, visivelmente alterado, que se aproximava de forma constrangedora, enquanto tomava cerveja.

No extremo oposto, há os entrevistados sérios demais que não dão nenhum tipo de abertura: a repórter precisa se adaptar à situação e tentar “conquistá-los” para extrair as informações que deseja.

Isso nem sempre funciona, como foi o caso da entrevista com o The Sisters of Mercy, publicada dia 18 de março de 2012, na qual os músicos se mostraram pouco simpáticos e sem intenção de conversar com a Dani Buarque.

No vídeo, estão os dois guitarristas, Chris Catalysts e Ben Christo e o único integrante original da banda, Andrew Eldritch, que é conhecido por raramente dar entrevistas e por seu extremo mau humor. Ambas as características ficaram evidentes na filmagem, pois, apesar de ser o que mais falava, a maioria de suas respostas se limitava a “sim e não” e, quando desenvolvia uma resposta completa, essa era carregada de apatia e frieza.

Estes são dois dos vários momentos que ilustram essa característica:

Dani Buarque: “O Sisters of Mercy sempre obteve excelentes resultados ao misturar execuções orgânicas com tecnologia. Agora que a tecnologia digital dominou as técnicas de estúdio e apresentações ao vivo, o que vocês conseguem ver no futuro da música ao vivo?”

Andrew Eldritch: “É muito difícil tocar guitarra sem tocar uma guitarra. Então estamos sossegados”.

Dani Buarque: “Vocês estreiam muito material novo ao vivo, mas não lançam um disco propriamente dito desde 1993, certo? O que rola com isso?”

Andrew Eldritch: “Tenho certeza que se nos dessem um milhão de dólares, nós lançaríamos”.

4.4 Da contextualização

Há uma grande preocupação por parte dos produtores de contextualizar e introduzir os músicos entrevistados. Isso se dá principalmente de duas formas: apresentando-os, falando do passado e das bandas em que já participaram; e tocando várias músicas e trechos de shows no decorrer da entrevista.

A primeira pode ser ilustrada pelo vídeo feito com o baixista Rudy Sarzo, publicado no dia 1º de março de 2012, no qual já na introdução da primeira pergunta a repórter Dani Buarque explica de quem se trata: “Rudy, nenhum outro baixista, e poucos outros músicos, passaram pelos anos 80 de modo tão bem-sucedido como você. Você esteve em bandas enormes como Ozzy Osbourne, Whitesnake, Dio, Malmsteen, Quiet Riot, entre outras...” Dessa maneira, mesmo quem não conhecia Rudy Sarzo, passa a ter ideia de quem ele é e de sua importância no meio musical.

Já a entrevista com Josh Todd, do Buckcherry, publicada no dia 16 de junho de 2011, ilustra a segunda característica da contextualização. No começo do vídeo, é mostrado um trecho do clipe de Crazy Bitch, música mais conhecida da banda, que esteve no Brasil para abrir o show do Mötley Crüe em São Paulo. Além desse fragmento inicial, o som foi usado como trilha durante todo o bate-papo com a repórter.

4.5 Ênfase na música

A preocupação do Lokaos é com a música: eles procuram em todos os vídeos mostrar o máximo possível das bandas. A publicação do dia 5 de março de 2012 é diferente das tradicionais entrevistas, se trata da cobertura do show do Van Halen em Indianápolis, nos Estados Unidos, no dia 22 de fevereiro, feita por Carlão, um colaborador do site.

Com apenas uma breve introdução, o vídeo traz trechos de “You Really Got Me”, “Tattoo”, “Chinatown”, “Dance The Night Away”, “Runnin’ With The Devil”, “Panama”, “Everybody Wants Some” e “Unchained” gravadas com uma *handycam*, pois a filmagem era proibida. Mesmo com aspecto caseiro, a gravação mostra de forma satisfatória um pouco do que foi o show, reforçando o valor que o Lokaos dá para a música e para os fãs das bandas.

4.6 Enquadramento

Nenhum dos vídeos analisados apresenta críticas negativas aos shows e bandas apresentadas. Se a proposta dos criadores não deixasse claro que o objetivo do site é falar sobre assuntos do gosto e interesse dos seus integrantes e compartilhá-los com quem tem o mesmo apreço, essa seria uma falha da produção. Mas, como em todo o momento afirmam tratar apenas do rock, classificado por eles como de qualidade, se dão o direito de abdicar dessa prática tão recorrente no jornalismo musical. Essa é uma postura assumida do site, conforme as palavras de Edu Rox. Não apenas evitam críticas negativas, como condenam severamente esse tipo de texto:

“Esse negócio de ficar criticando não combina com a gente, gostamos do lado bom do rock n' roll, esse tipo de crítica pra mim não combina em nada com o estilo. Bando de nerd bundão, sem atitude, que não faz mais nada da vida do que ficar metendo o pau, analisando cada nota, procurando em cada detalhe algo pra falar mal. Isso é falta de atitude, não levanta da cadeira pra fazer nada de bom e fica gongando os outros. Como somos independentes e isso dificulta muito as coisas, só vamos atrás do que realmente nos interessa, por questão de dinheiro, tempo ou simplesmente gosto pessoal mesmo”.

A pergunta inicial feita para o vocalista da banda Testament, Chuck Billy, no vídeo publicado dia 26 de agosto de 2011, ilustra essa admiração da equipe pelo entrevistado e seu trabalho:

“Vinte e cinco anos de Testament, quando você entrou para a banda, você previu a banda chegando tão longe, não só cronologicamente mas em termos de relevância também?”

Esse clima de respeito e consideração está presente em todas as entrevistas, mesmo naquelas poucas ocasiões em que tocam em assuntos mais polêmicos, a exemplo da já citada entrevista com a banda Tuff.

4.7 Clima

Camarins e bares são o cenário de grande parte dos encontros da equipe com as bandas, composto também por bebidas, preferencialmente cervejas. Toda essa descontração do local dá, logo de início, uma leveza para os vídeos, fazendo as entrevistas parecerem uma conversa de boteco entre amigos.

A melhor representação dessa característica está na longa entrevista com Andreas Kisser, guitarrista do Sepultura. Ele conta vários momentos da sua vida, fala sobre como se

emocionou ao encontrar Ozzy Osbourne pela primeira vez, sobre seu teste para entrar no Metallica, sobre as bandas que o influenciaram a seguir a carreira e sua admiração por Randy Rhoads, guitarrista do início da carreira-solo de Ozzy, após sua saída do Black Sabbath. Apesar das grandes histórias contadas na entrevista, um dos fatos que mais chama atenção é a locação do vídeo, pois ele foi gravado enquanto entrevistado e entrevistadores jogavam uma partida de sinuca. Esse encontro pensado de forma inusitada foi ao ar no dia 8 de maio de 2011.

Outro bom exemplo de despojamento é o bate-papo com Derrick Green, vocalista do Sepultura, publicado no dia 23 de outubro de 2011. Diferente dos tradicionais vídeos, dessa vez o repórter é o Edu Rox, outro integrante e idealizador do projeto.

Em uma conversa franca, Derrick, extremamente simpático, contou sobre seu apelido ser “Fumaça”, sobre o tempo em que morou no Brasil, sua entrada na banda e seu português considerado por ele como “nao muito bom”. A entrevista flui tão naturalmente que as piadas são frequentes: inclusive, ainda falando do Brasil, o repórter se sente tranquilo em questioná-lo de forma engraçada sobre sua visão anterior do país: “Antes você achava que havia elefantes andando pela rua?”. Ainda no final da entrevista, o músico participa de uma brincadeira em que dá notas de zero a dez a vocalistas famosos do rock.

Quando perguntado sobre essa característica informal do trabalho realizado por eles, Edu Rox explica que essa postura tem relação direta com o estilo que eles abordam:

“Acho que dá pra ver nitidamente como eu encaro esse fato, posso beber nas entrevistas, falar palavrão, falar do que quiser, da maneira que eu quiser, e faço isso por que me sinto bem assim, não é nada forçado, é simplesmente como eu gosto de fazer, é algo sem regras, e rock n' roll tem a ver com isso: com liberdade.”

Um ponto a se destacar é que, conforme é possível perceber nos vídeos, esse clima descontraído não atrapalha a coleta de informações pela equipe, que sabe equilibrar assunto sério e brincadeira. No primeiro exemplo desse tópico, essa qualidade aparece quando Andreas Kisser fala sobre sua relação com Max Cavalera, ex-guitarrista da banda e desmente os boatos de que a formação original da banda voltaria a se reunir.

4.8 Não poder gravar

Os veículos de comunicação, às vezes, têm dificuldade para entrar em contato com os produtores e as bandas para conseguir uma entrevista. Isso acontece mais frequentemente quando se trata de veículos pequenos, sem muita visibilidade, que sofrem com a falta de apoio e até mesmo com a censura.

O Lokaos Rock Show registrou um desses momentos complicados durante a cobertura do festival SWU, quando entrevistava William Du Vall e Mike Inez, da banda Alice in Chains. A repórter Dani Buarque conseguiu fazer apenas duas perguntas antes de um produtor obstruir a filmagem, a fim de impedir que continuasse gravando. O choque foi grande em ambas as partes, pois os músicos estavam conversando tranquilamente e até começaram a questionar o porquê de serem interrompidos e o que estava acontecendo de errado. Sem dar explicações a respeito, mas não deixando de mostrar o ocorrido, a equipe continuou sua cobertura do evento, com vídeos dos shows e entrevistas com o público, postada no dia 18 de novembro de 2011.

Edu Rox, em entrevista, explicou o que aconteceu naquela situação:

“Fomos LIMADOS sem o mínimo respeito porque não éramos uma mídia grande, um Multishow ou uma MTV da vida, na cabeça dos responsáveis era um absurdo um blog estar ali no camarim entrevistando as estrelas da noite, eles ficaram tão cegos e inconformados com esse fato que não notaram que aquela atitude foi um desrespeito com os próprios membros do Alice in Chains, que estavam curtindo dar a entrevista numa boa. A gente só foi parar naquele camarim porque a própria banda tinha autorizado, mas a produção foi tão mesquinha que não respeitou nem a escolha deles mesmos.”

4.9 Cobertura de eventos

O Lokaos Rock Show faz predominantemente entrevistas, mas há espaço também para cobertura de eventos, como sessões de autógrafos e festivais renomados. Nessas situações, os três repórteres, Dani Buarque, Edu Rox e Bento Mello, participam das gravações para dar mais dinamismo aos vídeos. A maneira menos tradicional de cobrir um evento com entrevistados inusitados, geralmente embriagados ou extremamente fanáticos pelas bandas, é das características que mais diferenciam o site de alguns meios tradicionais que tratam de música.

A cobertura do Rock in Rio apenas no dia 25 de novembro de 2011, considerado o “Dia do Metal” por apresentar as bandas mais pesadas da edição, foi recheada de entrevistas com fãs (“verdadeiros”, conforme mencionado na matéria), tanto que a maioria exibia tatuagens, vestimenta, cortes de cabelo e todo tipo de adereço que fizesse menção aos seus ídolos. Essas são as fontes do Lokaos Rock Show, porque são elas também quem compõem o público-alvo do site: fãs que buscam notícias criadas por fãs.

4.10 Rock nacional

O site foca principalmente no rock internacional, mas o produzido no Brasil também tem seu espaço, não apenas os músicos, mas também quem trabalha indiretamente com o estilo.

Um exemplo é entrevista com Gastão Moreira, ex-apresentador dos programas Fúria Metal e Gás Total, na MTV. Na conversa com o repórter Edu Rox, ele contou algumas curiosidades sobre a produção do programa, como o fato da escolha dos clipes que iam ser exibidos ser feita por ele, da mudança de nome para Fúria a fim de poder abranger todos os sons mais pesados, não necessariamente apenas os classificados como metal, e ainda da hipótese de ser chamado para trabalhar novamente na emissora, afirmando que não voltaria para não estragar a boa imagem que deixou. Até algumas histórias de bastidores de bandas dos anos 80, como as brigas na banda Poison que antecederam o término da banda e que aconteceram por conta de uma mulher, fizeram parte da conversa. Essa matéria foi publicada no dia 14 de julho de 2011.

Ainda sobre músicos brasileiros, a equipe acompanhou a banda Titãs desde o ensaio até o show Cabeça Dinossauro que aconteceu em São Paulo no dia 17 de março, capturando toda a parte de bastidores. Nessa cobertura há imagens de camarim e entrevistas com os integrantes da banda (incluindo Branco Mello, pai de Bento, um dos repórteres do Lokaos), os roadies e a equipe técnica.

4.11 Independente

Fazendo parte da Tv Lokaos analisada até o momento, mas em uma categoria separada, está o Lokaos Independente. Esse espaço é destinado para bandas no começo da carreira que já possuam repertório próprio, mas que não estejam vinculadas a nenhuma

gravadora. Além das tradicionais entrevistas feitas pela equipe, esse ambiente traz também banners, fotos e vídeo-clipes ou trechos de shows para apresentar os projetos de forma adequada.

Foram cinco vídeos postados nessa categoria no período analisado, com as bandas Kiara Rocks, Red Front, Baranga, Furia Inc e Daniel Belleza e os Corações em Fúria. O roteiro das entrevistas é parecido, com perguntas como “qual o significado do nome da banda?”, “como tudo começou?”, “qual o tempo de estrada?”, “quais são as influências?” e “quais são os projetos futuros?”. Há também espaço para a apresentação individual de cada membro e inserção de trechos de vídeos durante a entrevista.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante a análise, características foram apontadas, descritas e exemplificadas. Dentre as mais marcantes, podem-se destacar algumas: a abordagem profunda de temas e a postura mais livre diante do entrevistado; as perguntas perspicazes e audaciosas; o jogo de cintura; a ausência de críticas; o clima “amigos no boteco” das entrevistas e a escolha das pautas de acordo com o gosto pessoal.

Essa filosofia do “fazer apenas o que se gosta” adotada pelo site não traz problemas para a captação de informação, pelo contrário, até funciona a favor da equipe em alguns momentos. Como no caso da entrevista com James Lomenzo, publicada no dia 13 de março de 2012, na qual a repórter se mostrou tão conhecedora da carreira do músico que o instigou a contar histórias com bastantes detalhes e a lembrar de fatos específicos de sua trajetória na música.

Edu Rox, em entrevista, salientou o contentamento dele com o trabalho. “É muito gratificante para mim ver os músicos surpresos e elogiarem as pautas que a gente cria, muitas vezes no meio da própria entrevista. Chega de músico estrangeiro falando de caipirinha, bunda e futebol, né? A carreira deles têm coisas muito mais interessantes do que isso pra falar.”

Levando em conta os padrões de criação do Lokaos, pode-se dizer que a diversão não anula a informação, como se pode perceber na maioria das entrevistas. Sempre com cervejas e piadas, a equipe consegue extrair as informações que buscam, como no vídeo com o guitarrista brasileiro, Andreas Kisser, que aconteceu durante uma partida de sinuca.

Assim, o site consegue passar uma imagem de descontração aliada à seriedade. São duas qualidades supostamente opostas, mas que aparecem de forma equilibrada nos produtos analisados.

Por outro lado, o Lokaos ainda enfrenta algumas dificuldades bastante características e árduas, e uma delas se encontra nas finanças. Embora tenham qualidade, os produtos do site ainda não são suficientes para que os integrantes possam se sustentar apenas trabalhando nisso: “1 ano de com o Lokaos no ar e ainda fazemos por amor”, resigna-se Edu Rox. Esse é um problema do site e de grande parte das criações da internet, que ainda não oferece estabilidade financeira como os trabalhos em meios tradicionais. Apenas grandes portais ou páginas que “estouraram” nacionalmente ou internacionalmente conseguem lucros que se mantêm continuamente.

É sabido que ainda há muito para construir e crescer e que nesse meio isso não é uma tarefa precisamente fácil. Como diz o clássico do AC/DC “It's a long way to the top, if you wanna rock 'n' roll”.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARBOSA, Suzana. **Jornalismo digital de terceira geração**. Covilhã: Labcom, 2007.

BARRETO, Ivana. **As Realidades do Jornalismo Cultural no Brasil**. Disponível em: <http://www.contemporanea.uerj.br/pdf/ed_07/08IvanaBarreto.pdf> Acesso em: 04 dez. 2011.

CANAVILHAS, João M. **Webjornalismo: considerações gerais sobre o jornalismo na web**. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/canavilhas-joao-webjornal.pdf>>. Acesso em: 23 ago. 2012.

CUNHA, Leonardo A. et al. Dilemas do jornalismo cultural brasileiro. **Temas: Ensaios de Comunicação**, Belo Horizonte, n. 1, agosto-dezembro, 2002.

FARIA, Nathália S. de. **Crítica musical na internet: análise da coluna Alfinetando, publicada por Régis Tadeu no site Yahoo**. 2011. 59f. Monografia (Graduação em Jornalismo) – Centro Universitário de Belo Horizonte, Belo Horizonte, 2011.

FARO, J. S. **Nem tudo que reluz é ouro:** contribuição para uma reflexão teórica sobre o jornalismo cultural. Disponível em: < http://sbpjour.kamotini.kinghost.net/sbpjour/admjour/arquivos/ind_j_s_faro.pdf >. Acesso em: 12 jun. 2012.

GAIARSA, Clarissa, C. **Rock baiano em pauta: uma análise de como a cena é abordada pelos jornais locais A Tarde e Correio da Bahia.** 2008. 145f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Comunicação) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2008.

JR. JANOTTI, Jeder. **Aumenta que isso aí é rock and roll:** mídia, gênero musical e identidade. Disponível em: < http://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=omxFklq_z1wC&oi=fnd&pg=PA11&dq=jornalismo+de+rock&ots=szJSt3LKb_&sig=IMWW1ukR1DD4Q_JRHf0FMGzvhaQ#v=onepage&q=jornalismo%20de%20rock&f=false > Acesso em: 18 dez. 2011.

JR JANOTTI, J.; NOGUERIA, Bruno P. Um museu de grandes novidades: crítica e jornalismo musical em tempos de internet. In: XIX ENCONTRO DA COMPOS DA PUC-RJ, 2010, Rio de Janeiro.

MATTOSO, Guilherme Q. de. **Internet, jornalismo e weblogs:** uma nova alternativa de informação. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/mattoso-guilherme-webjornalismo.pdf>> Acesso em: 14 set. 2012.

MELLO, Isabelle A de. **Jornalismo cultural:** por uma formação que produza o encontro da clareza do jornalismo com a densidade e a complexidade da cultura. Disponível em < http://www.itaucultural.org.br/rumos2007/pdf_jornalismo/isabelle%20anchieta%20de%20melo.pdf >. Acesso em: 03 dez. 2011.

OLIVEIRA, Cassiano F. S de. **O criticismo do rock brasileiro no jornalismo especializado em som, música e juventude: da Rolling Stone (1972 – 1973) à Bizz (1985 – 2001).** 2011. 390f. Tese (Doutorado em Comunicação) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.

SCHOENHERR, Rafael. **Disputas sociais na crítica musical jornalística: o potencial polêmico da Folha de São Paulo.** 2005. 245f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2005.

SALDANHA, Rafael, M. **Rock em revista: o jornalismo de rock no Brasil.** 2005. 70f. Monografia (Graduação em Comunicação Social) – Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2005.

SILVA, Jaime L. da. **Muito além do barulho:** uma aproximação sobre a identidade do heavy metal representada na revista Rock Brigade. Disponível em: < http://encipecom.metodista.br/mediawiki/images/d/d5/GT3-_13-_Muito_alem_do_barulho-_Jaime.pdf > Acesso em: 18 dez. 2011.

SIMÃO, João. **Relação entre blogs e webjornalismo.** Disponível em: <
http://prisma.cetac.up.pt/artigospdf/9_joao_simao_prisma.pdf>. Acesso em: 20 jul. 2012.

ANEXO A – Entrevista com o integrante da equipe, Edu Rox



Josefina Toniolo

23 de Maio

Edu, como te disse antes, preciso fazer umas perguntas sobre o lokaos pro tcc, tu topa? se sim, quando tu teria um tempo disponível pra responder? pode ser por aqui mesmo.



Edu Rox

23 de Maio

O melhor pra mim é domingo de tarde, ta mto longe? Se tiver eu dou um jeito de fazer antes



Josefina Toniolo

23 de Maio ☑

pode ser, beleza, até terça de tarde tá ótimo pra mim, valeu! 😊
vou terminar de montar as perguntas e domingo te mando.



Josefina Toniolo

27 de Maio

edu, fiz doze perguntas, elas parecem extensas porque tive que contextualizar algumas (porque vou usar as respostas pra confirmar o que eu percebi na análise) fiz o mááximo pra deixar menos chata possível, mas não sei se consegui hahaha
vou te mandar, tu responde as que quiser, as que não quiser, deixa.



Josefina Toniolo

27 de Maio

1- No release do site, vocês dizem tratar de todos os estilos do bom e velho rock'n'roll, mas analisando os vídeos de abril de 2011 a março de 2012 percebi que a grande maioria (quase 20 dos 35 que assisti)

são de caras do metal. Foi só coincidência de eles estarem no Brasil nesse período ou vocês priorizam esse estilo?

2- Como é feita a escolha de pautas?

3- A proposta de vocês é alternativa aos outros meios, algo meio underground talvez, mas sabemos que conseguir contato com as bandas não é tão simples, ainda mais pra veículos pequenos. Como vocês fazem esse contato?

4- Praticamente todas as entrevistas são feitas pela Dani, por que ela foi escolhida pra essa função? O carisma e a beleza dela influenciaram nessa escolha? (não leve a mal, acho ela de extrema competência) Seria porque os caras são mais acessíveis quando é uma mulher com microfone em punho?

5- Quanto às perguntas, como elas são criadas?

6- Um bom exemplo é o vídeo do dia em que vocês perguntaram pro Stevie Rachelle sobre sua briga com o Sebastian Bach, tocando em um assunto mais delicado com muita classe. (haha) Como vocês encaixam os temas polêmicos no meio da entrevista, para não deixar o entrevistado nervoso ou então receber alguma resposta mal-criada?

7- Dá pra perceber que o site é feito de fã para fã das bandas, um dos motivos que deixa isso aparente é não haver críticas musicais (que geralmente falam mal de tudo) sobre shows, coisa muito recorrente no jornalismo. Por que vocês não fazem esse tipo de trabalho? Dá pra dizer que isso é um reflexo da escolha de pauta ser basear no gosto pessoal? (em outras palavras: vocês só vão atrás do que acreditam realmente valer a pena?)

8- No vídeo do SWU em que vocês foram impedidos de continuar a entrevista, não houve explicações a respeito, apenas a continuidade da cobertura, essa postura foi proposital para não levar adiante a discussão sobre o porquê de não poder gravar?

9- Só o trabalho com o Lokaos seria o suficiente para viver ou vocês fazem por amor a camiseta?

10 - Trabalhar com web TV dá uma liberdade maior (praticamente total) para a equipe, como vocês encaram esse fato?

11- É feito algum outro tipo de divulgação além das redes sociais? O número de visualizações é satisfatório?

12- Uma das características principais do Lokaos é o clima de "amigos no boteco" das entrevistas, isso foi pensado ou é algo que acontece naturalmente?



Josefina Toniolo

27 de Maio

o certo seria fazer "ao vivo" mas assim toma menos do teu tempo. Muito obrigada!



Edu Rox

27 de Maio


hoje de madrugada respondo tudo ÓQUEI?



Edu Rox

28 de Maio

Ve se vc gostou, se quiser que eu fale mais alguma coisa me avise 😊
Obrigado pela oportunidade.

 tcc.odt



Josefina Toniolo

30 de Maio

não consegui responder antes porque to com uns problemas de conexão, mas muitíssimo obrigada, tá tudo bem como eu precisava/esperava. valeu mesmo! 😊



Edu Rox

31 de Maio

magina 😊

1- No release do site, vocês dizem tratar de todos os estilos do bom e velho rock'n'roll, mas analisando os videos de abril de 2011 a março de 2012 percebi que a grande maioria (quase 20 dos 35 que assisti) são de caras do metal. Foi só coincidência de eles estarem no Brasil nesse periodo ou vocês priorizam esse estilo?

O heavy metal é uma das ramificações do rock mais populares inclusive aqui no Brasil, isso faz com que o volume de shows desse estilo sejam bem grandes, então creio que isso seja como uma "coincidencia forçada". Mas sim, o heavy metal e o hard rock dos anos 80 são os estilos preferidos do Lokaos, damos uma certa atenção especial para músicos desses estilos, mas sempre nos interessa também o rock clássico e o punk.

2- Como é feita a escolha de pautas?

Eu e o Bento crescemos viciados em rock, em toda a história que envolve uma banda e seus integrantes, então a pauta nada mais é do que todas as coisas que sempre quisemos saber e agora estamos tendo a oportunidade de perguntar. Quando conversamos com platéia é no improviso mesmo, sempre com uma pitada de humor por que queremos fugir daquele clichê metal malvado.

3- A proposta de vocês é alternativa aos outros meios, algo meio underground talvez, mas sabemos que conseguir contato com as bandas não é tão simples, ainda mais pra veículos pequenos. Como vocês fazem esse contato?

No começo foi na base da raça mesmo, a gente ia atrás ou no hotel ou no local que seria o show e implorava pra alguém nos dar a chance. O charme da Dani Buarque pedindo diretamente as entrevistas para os músicos ajudava bastante.

Com o tempo os produtores começaram a ver que nosso trabalho era sério, que a crítica era positiva e agora nós pedimos antecipadamente diretamente para a produtora que está realizando o evento e geralmente a resposta é positiva. Acho que a parceria com o a Mix TV ajudou muito também a termos credibilidade de que estamos fazendo um trabalho sério apesar do humor envolvido.

4- Praticamente todas as entrevistas são feitas pela Dani, por que ela foi escolhida pra essa função? O carisma e a beleza dela influenciaram nessa escolha? (não leve a mal, acho ela de extrema competência) Seria porque os caras são mais acessíveis quando é uma mulher com microfone em punho?

Primeiramente o mais importante de tudo, ela é a única de nós 3 que fala inglês fluente, mas obviamente o carisma e beleza contam sim, isso aliás conta em qualquer lugar, pra qualquer coisa.

Uma loira com postura, bem vestida e simpática deixa o cara muito mais solto e animado do que dois cabeludos bebados, pode ter certeza.

5- Quanto às perguntas, como elas são criadas?

Como eu disse na questão 2, é baseado nas perguntas que todo fã de rock faz pra si mesmo quando curte uma banda ou um músico em especial.

Quando raramente entrevistamos alguém que não somos fãs, eu peço ajuda para algum fã de verdade ou para o bom e velho Google mesmo.

6- Um bom exemplo é o vídeo do dia em que vocês perguntaram pro Stevie Rachelle sobre sua briga com o Sebastian Bach, tocando em um assunto mais delicado com muita classe. (haha) Como vocês encaixam os temas polêmicos no meio da entrevista, para não deixar o entrevistado nervoso ou então receber alguma resposta mal-criada?

O que salva a gente resposta mal-criada creio que seja a simpatia e o jogo de cintura da Dani, os caras ficam meio sem graça de serem grossos, ou por outro lado eles podem até achar divertido a coragem de tocar em um assunto mais delicado, é clichê, parece vó falando mas é real: "quem não arrisca não petisca."

7- Dá pra perceber que o site é feito de fã para fã das bandas, um dos motivos que deixa isso aparente é não haver críticas musicais (que geralmente falam mal de tudo) sobre shows, coisa muito recorrente no jornalismo. Por que vocês não fazem esse tipo de trabalho? Dá pra dizer que isso é um reflexo da escolha de pauta ser basear no gosto pessoal? (em outras palavras: vocês só vão atrás do que acreditam realmente valer a pena?)

Sim, como somos independentes e isso dificulta muito as coisas, só vamos atrás do que realmente nos interessa, por questão de dinheiro, tempo ou simplesmente gosto pessoal mesmo.

Esse negócio de ficar criticando não combina com a gente, gostamos do lado bom do rock n' roll, esse tipo de crítica pra mim não combina em nada com o estilo, bando de nerd bundão sem atitude que não faz mais nada da vida do que ficar metendo o pau, analisando cada nota, procurando em cada detalhe algo pra falar mal, isso é falta de atitude, não levanta da cadeira pra fazer nada de bom e fica gongando os outros.

8- No vídeo do SWU em que vocês foram impedidos de continuar a entrevista, não houve explicações a respeito, apenas a continuidade da cobertura, essa postura foi proposital para não levar adiante a discussão sobre o porquê de não poder gravar?

Não foi para não levar adiante não, apenas achamos que já estava bem claro ali o que aconteceu, fomos LIMADOS sem o mínimo respeito por que não éramos uma mídia grande, um Multishow ou uma MTV da vida, na cabeça dos responsáveis era um absurdo um blog estar ali no camarim entrevistando as estrelas da noite, eles ficaram tão cegos e inconformados com esse fato que não notaram que aquela atitude foi um desrespeito com os próprios membros do Alice in Chains que estavam curtindo dar a entrevista numa boa.

A gente só foi parar naquele camarim por que a própria banda tinha autorizado, mas a produção foi tão mesquinha que não respeitaram nem a escolha deles mesmos.

9- Só o trabalho com o Lokaos seria o suficiente para viver ou vocês fazem por amor a camiseta?

Bom, 1 ano de site do Lokaos no ar e ainda fazemos por amor. Eu acho que não existe nenhum programa na TV que mostre o rock e as bandas do jeito que os fãs querem ver, a grande mídia só fala com banda grande e geralmente perguntam coisas muito idiotas, falam uma pá de merda e mal sabem com quem estão conversando. Eu resolvi não ficar parado esperando aparecer um outro Gastão Moreira da vida e fui tentar eu mesmo fazer o que acho que está faltando.

É muito gratificante pra mim ver os músicos surpresos e elogiarem as pautas que a gente cria, muitas vezes no meio da própria entrevista.

Chega de músico falando de caipirinha, bunda e futebol né? A carreira deles tem coisas muito mais interessantes do que isso pra falar.

10 - Trabalhar com web TV dá uma liberdade maior (praticamente total) para a equipe, como vocês encaram esse fato?

Acho que dá pra ver nitidamente como eu encaro esse fato, posso beber nas entrevistas, falar palavrão, falar do que quiser, da maneira que eu quiser, e faço isso por que me sinto bem assim, não é nada forçado, é simplesmente como eu gosto de fazer, é algo sem regras, e rock n' roll tem a ver com isso, com liberdade. Por enquanto o grande pagamento do Lokaos pra mim é exatamente esse, fazer o que quiser, a hora que quiser e como eu quiser sem se preocupar com nada, isso não tem preço. Deus abençoe a internet, foda-se a "escravidão" da grande mídia, agora todos nós temos alternativas, tanto quem faz como quem assiste.

11- É feito algum outro tipo de divulgação além das redes sociais? O número de visualizações é satisfatório?

É tudo na base das redes sociais e do boca a boca mesmo. Alguns números atingem alguns milhares mas eu acho que poderia ser mais sim, não estou totalmente satisfeito não, isso por um lado é bom por que sempre quero fazer melhor e crescer mais. Muita gente quando assiste se pergunta como que não tinha assistido isso antes, então rola um problema de atingir todas as pessoas sim, principalmente por que falamos de rock, metal essas coisas, e isso é um assunto meio limitado, não é como um PC Siqueira ou um Felipe Neto que fala de assuntos que atingem toda a massa, o nosso é

focado em um determinado público.

12- Uma das características principais do Lokaos é o clima de "amigos no boteco" das entrevistas, isso foi pensado ou é algo que acontece naturalmente?

É totalmente natural, é assim que somos, é assim que gostamos, é assim que funcionamos. Quem disse que só os músicos podem ter uma postura mais livre? Quem disse que só os músicos podem ter atitude? Nós fazemos jornalismo sobre rock n' roll mas queremos SIM fugir de qualquer padrão. Quem disse que o jornalista tem que ser o lado certinho? Quem disse que o jornalista tem que ter regras? Aliás, eu nem gosto desse termo "jornalismo", nem sei se somos isso na verdade, o que eu sei é que nós somos o Lokaos, e nós falamos de Rock n' Roll.

ANEXO B – Vídeos do Lokaos Rock Show